



Ser ou não ser Kantiano - "A concepção kantiana de consciência", Clara Morando

From: 2013-04-12 **To:** 2013-04-12

Activity previously assigned to the now archived group MLAG (2013 - 2015)

Research Line: Modern & Contemporary Philosophy

Research Group: Mind, Language & Action

Published At: 30/11/-0001

Projecto The Bounds of Judgement (PTDC/FIL-FIL/109882/2009)

Ser ou não ser kantiano

A concepção kantiana de consciência

12 de Abril | 13h30 | Sala 208 | FLUP

Clara Morando

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto

Abstract: Na segunda secção da Dedução transcendental dos conceitos puros do entendimento (Analítica dos Conceitos), da edição B da *Crítica da Razão Pura*, Kant fala-nos da *unidade sinteticamente originária da apercepção*. Kant pretende, sobretudo, estabelecer uma marca distintiva entre o que significa *apercepção pura* e *apercepção empírica*. Esta distinção é fundamental de maneira a evitar uma contradição interna à própria actividade do pensamento, dado que se o pensamento não pudesse acompanhar todas as suas representações, «algo se representaria em mim, que não poderia, de modo algum, ser pensado, que o mesmo é dizer, que a representação ou seria impossível ou pelo menos nada seria para mim» (B132). Pelo que «o *eu penso* deve *poder* acompanhar todas as minhas representações» (*idem*). Ora, na sessão que nos concerne, propomo-nos analisar, em algum detalhe, e servindo-nos de alguns comentadores de Kant, o que pode ser visto como uma tripla bifurcação da consciência, a partir da decomposição do acto de representação, acto que aponta sempre para a necessidade de uma apercepção pura enquanto consciência de si primária e originária. O modo como se conjugam os termos da tripla bifurcação mencionada, nomeadamente em a) a consciência do objecto, em b) a consciência do acto de representação e em c) a consciência de si enquanto sujeito da representação, leva-nos a estabelecer, e segundo Kant, que ao nível da unidade sinteticamente originária da apercepção há apenas uma consciência de si, *que é sem mais*, sem que seja sequer determinado o modo como essa consciência se aparece nem como ela é em si mesma. É a partir deste ponto que, e segundo leituras de inspiração fenomenológica do problema do *Eu* em Kant, iremos defender uma espécie de *autenticidade real* a ser preservada no estatuto desse *eu* do *eu penso*, sobretudo através da referência a um *tempo originário* que nada tem que ver com o *tempo da ciência*. Para tal, levaremos a cabo uma partição metodológica, no universo de análise kantiano, entre *ego transcendental* e *consciência transcendental*, no sentido de aclarar o modo como a filosofia criticista explicita as condições de possibilidade do conhecimento, dirigindo a sua atenção às actividades cognitivas da consciência.